



Esporte: definição e classificação das modalidades esportivas

Sport: definition and classification of sports modalities

Deporte: definición y clasificación de las modalidades deportivas

Prof. Dr. Benedito Pereira

¹ Graduado em Educação Física pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Bioquímica pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Fisiologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor do Departamento de Esporte da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFEUSP).

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6176315905021673>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7886-0681>

Correspondência para: benepe@usp.br.

Submetido em 16 de maio de 2025

Primeira decisão editorial em 24 de setembro de 2025.

Segunda decisão editorial em 23 de dezembro de 2025.

Aceito em 30 de janeiro de 2026

Resumo: O objetivo desta revisão narrativa foi investigar, na literatura, os conceitos de esporte e de atleta, assim como os critérios utilizados na classificação das modalidades esportivas. Os resultados do estudo indicaram que esporte faz parte de um conjunto de atividades socioculturais competitivas praticadas por seres humanos, que são denominados por atletas. Devido à importância da competição para o esporte, concluiu-se que atletas recreacionais não podem ser considerados atletas genuínos. Dentre os muitos critérios utilizados na classificação das modalidades esportivas, o mais comum é o baseado no número de praticantes envolvidos na atividade, sendo denominadas por individuais e coletivas. Considerou-se esse tipo de classificação inadequado, uma vez que existem modalidades individuais que também possuem trabalho em equipe. No trabalho em equipe, em modalidades individuais, observou-se que as interações entre seus membros são essencialmente lineares ou sequenciais, o que ainda mantém essa atividade com características individuais. Por outro lado, pode-se dizer que trabalho coletivo, envolvendo modalidades esportivas, ocorre somente quando há interações não-lineares entre os praticantes, como ocorre em alguns jogos esportivos disponíveis.

Palavras chaves: Atleta, competições, desempenho, esporte, esportes individuais, esportes coletivos, modalidades esportivas, treinamento esportivo.

Abstract: The objective of this narrative review was to investigate, in the literature, the concepts of sport and athlete, as well as the criteria used in the classification of sports modalities. The results of the study indicated that sport is part of a set of competitive sociocultural activities practiced by humans, who are called athletes. Due to the importance of competition in sport, it was concluded that recreational athletes cannot be considered genuine athletes. Among the many criteria used in the classification of sports modalities, the most common is based on the number of participants involved in the activity, being called individual and team sports. This type of classification was considered inadequate, since there are individual modalities that also involve teamwork. In teamwork within individual sports, it was observed that the interactions among members are essentially linear or sequential, which still keeps this activity with individual characteristics. On the other hand, it can be said that collective work, involving sports modalities, only occurs when there are non-linear interactions among the participants, as seen in some sports games.

Keywords: Athlete, competitions, performance, sport, individual sports, team sports, sports modalities, sports training.

Resumen: El objetivo de esta revisión narrativa fue investigar en la literatura los conceptos de deporte y atleta, así como los criterios utilizados para clasificar las modalidades deportivas. Los resultados del estudio indicaron que el deporte forma parte de un conjunto de actividades socioculturales competitivas practicadas por seres humanos, que son denominados atletas. Debido a la importancia de la competición en el deporte, se concluyó que los atletas recreativos no pueden ser considerados atletas genuinos. Entre los muchos criterios utilizados para clasificar las modalidades deportivas, el más común es el basado en el número de participantes implicados en la actividad, clasificándose como individuales y colectivas. Se consideró que este tipo de clasificación es inadecuado, ya que existen modalidades individuales que también requieren trabajo en equipo. En el trabajo en equipo dentro de modalidades individuales, se observó que las interacciones entre sus miembros son esencialmente lineales o secuenciales, lo que mantiene a esta actividad con características individuales. Por otro lado, se puede decir que el trabajo colectivo, en lo que respecta a las modalidades deportivas, sólo ocurre cuando existen interacciones no lineales entre los practicantes, como sucede en algunos juegos deportivos.

Palabras clave: Atleta, competiciones, rendimiento, deporte, deportes individuales, deportes colectivos, modalidades deportivas, entrenamiento deportivo.

Introdução

Esse texto discute a noção de esporte e de modalidade esportiva. O esporte, enquanto profissão, é uma ocupação que tem seu valor vinculado à sua utilidade para os membros de uma sociedade (Saks, 2012). O entretenimento propiciado pelos eventos esportivos é um fator importante a ser considerado. O esporte também testa as capacidades biopsicossociais dos seres

humanos, revelando nossa aptidão para a possibilidade de sobrevivência, enquanto espécie, em situações extremas impostas pelo meio ambiente ocupado.

A caracterização profissional do esporte pressupõe a presença de um arcabouço teórico-conceitual devidamente elaborado e delimitado. Para tanto, critérios de demarcação entre essa e outras profissões devem ser elaborados. Ou seja, ter um objeto de atuação próprio pode facilitar a valorização profissional.

Existem diversas modalidades esportivas, cada uma com variáveis específicas e critérios próprios para avaliar o desempenho. Para tanto, competições esportivas regidas por regras são devidamente organizadas. A classificação das modalidades esportivas ocorre por meio de critérios baseados, principalmente, na descrição de suas características e objetivos comuns. É possível, portanto, encontrarmos diversas modalidades esportivas, que são geralmente agrupadas como individuais e coletivas (O'Connor; Alfrey; Penney, 2024; Brasil, 2022; Barbanti, 2006).

Embora muitas revisões, livros e capítulos de livro já tenham abordado o tema desse texto, poucos estudos consideraram introduzir abordagens científicas recentes, como os conceitos da teoria dos sistemas dinâmicos na definição e caracterização das modalidades esportivas. Neste sentido, levou-se em consideração nas suas classificações, não somente o número de praticantes, mas também, o tipo de interação (linear e não-linear) ocorrido entre eles.

Embora a competição seja aceita como a essência do esporte, esse é um fenômeno comum em um contexto social mais abrangente. Isso significa que, mesmo pessoas sendo praticantes assíduas de corridas de rua de forma recreativa em eventos esportivos, essas pessoas, treinadas ou não, não podem ser consideradas atletas. Portanto, é importante qualificar atletas e praticantes recreacionais de atividades competitivas de forma diferenciada em função da essência característica do esporte.

A pesquisa que conduziu a esse texto configurou-se como uma revisão da literatura, com característica qualitativa e descritiva, sendo desenvolvida por meio de busca sistematizada nas bases de dados disponíveis, assim como em biblioteca universitária, sem delimitar um período específico. Foram utilizadas combinações de diferentes palavras-chave em português e inglês relacionadas com esporte, desporto e competição.

A busca inicial resultou em vários artigos científicos, livros e capítulos de livro, dos quais foram selecionados apenas os que foram listados nesta revisão, conforme os critérios de inclusão: estudos e discussões originais e revisões sistemáticas ou metanálises quando disponíveis sobre o tema deste texto. A principal preocupação foi a de identificar e analisar os

principais conceitos, teorias e propostas dos autores investigados, visando identificar as bases teóricas utilizadas na conceituação de esporte e de suas modalidades esportivas.

Competição: a essência do esporte

Segundo Borge (2024), a essência do esporte reside na competição, como fica claro em sua afirmação abaixo:

[...] quando se faz menção aos diversos tipos de esportes disponíveis, como, esportes tradicionais, *e-sports*, esportes não-competitivos, esportes mentais, esportes de natureza, esportes de aventura, esportes radicais, estilo de vida esportivo, esportes alternativos, esportes de rua etc., sem qualquer senso claro do porquê todos esses tipos de atividades se encontrarem reunidos sob o mesmo título; algo em comum, sua essência como esporte, precisa ser considerada. Se isso for levado em conta, nem tudo se qualifica como esporte. A essência esportiva reside no sucesso/insucesso alcançado mediante a competição. Em esportes em que isso não se encontra presente, então, essas atividades possuem um outro tipo de essência, não às qualificando como esporte (Borge, 2024, p.303).

A competição como sendo a essência do esporte é aceita por diversos autores. Por exemplo, de acordo com Parry (2002), esporte se confunde com a competição regida por regras, onde as habilidades motoras dos seres humanos são colocadas à prova. Segundo Parry, esporte é uma prática formal, séria, competitiva e organizada, comparativamente aos jogos que o originou. Outras afirmações, neste sentido, são as seguintes: 1. No esporte não nos propomos simplesmente a nos exercitar, mas sim, a mostrar mais capacidade e habilidade do que nossos oponentes e vencê-los. Nesse sentido, o espírito de competição e conquista é indissociável do esporte (Skillen, 2002). 2. Esporte é um tipo de prática não produtiva e desnecessária, mas ao mesmo tempo, extraordinária (Borge, 2024; Lebed, 2021). Parry (2018) definiu esporte olímpico como uma competição envolvendo capacidades e habilidades humanas governadas por regras.

De acordo com Vancini *et al.* (2015, p.140):

[...] dentre as finalidades do esporte temos: esporte de excelência, esporte de lazer; esporte relacionado à saúde, à qualidade de vida e à fins terapêuticos; e o esporte escolar. Vale destacar que o esporte no âmbito escolar prioriza a transmissão de valores, atitudes e habilidades e auxilia na formação do caráter e na descoberta das possibilidades de movimento. Além disso, procura transmitir a cultura esportiva e formar cidadãos que saibam utilizar as diversas práticas corporais ao longo da vida.

Dentre essas diversas finalidades do esporte, entende-se que apenas o esporte de excelência se identifica com o significado atual de esporte, que tem sido denominado por esporte de alto nível ou de alto rendimento (Meira; Bastos; Bohme, 2012). Neste sentido, Barbanti (2006, p.57) definiu esporte como:

[...] uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras complexas por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos.

Ressaltando que, nesta definição, os fatores intrínsecos estão relacionados com aspectos relacionados aos interesses particulares do atleta, como a superação de seus limites pessoais, enquanto os extrínsecos, com a superação de adversários e conquistas financeiras, por exemplo. Como na competição esportiva, vence aquele que supera os adversários, a motivação extrínseca predomina no âmbito esportivo. Inclusive, muitos atletas desenvolvem formas de comportamento e consomem drogas aliado ao treinamento para alcançar esse objetivo, tornando o esporte incompatível com a formação do caráter, como preconizado no esporte escolar.

As atribuições do esporte destacadas por Vancini *et al.* (2015) derivam da noção de desporto português, que tem origem francesa (*desport*). *Desport* significa, originalmente, recreação, passatempo, ócio e lazer. A palavra esporte usada atualmente é uma modificação do termo inglês *sport*, que também deriva de *desport* (Cagigal, 1996). No Brasil, as demais finalidades do desporto integram, atualmente, os objetivos da Educação Física, Recreação, Lazer e Fisioterapia.

Nesse sentido, se forem incluídas no conceito de esporte modalidades que não são competitivas, outro critério deve ser utilizado na sua demarcação. A excelência atlética individual ou coletiva foi uma alternativa proposta (Borge, 2024; 2021). Excelência atlética, neste caso, independe da competição, o que faz com que o atleta dispute consigo mesmo, ou com as variáveis presentes no ambiente de prática, com a intenção de exibir suas qualidades e capacidades, contra variáveis ou elementos presentes no local. Outra possibilidade seria a de considerar toda modalidade esportiva como um tipo particular de jogo não-competitivo, sem a necessidade de se estabelecer vencedores e vencidos. Como consequência, todos os jogos seriam considerados esporte (Lebed, 2021).

Test e Contest

Em inglês, o teste das habilidades pessoais recebe a denominação de *test*. Por outro lado, quando as pessoas participam de competições, denomina-se por *contest* (Krein, 2015). Um

exemplo de *test* seria o conseguir andar de bicicleta, enquanto o de *contest*, o ciclismo. No primeiro caso, existe apenas a intenção de realizar a tarefa, e demonstrar as habilidades pessoais, enquanto no segundo, a de competir contra adversários. Esporte em que somente o *test* é usado na avaliação do desempenho, não se pode falar em esporte genuíno. Na verdade, existem muitas modalidades esportivas (p.ex. skate, *figure skating*, ski e ginástica artística) em que o *test* se confunde com o *contest*, com os critérios de avaliação comparativa sendo considerados, em alguns casos, como subjetivos.

O uso do critério da competição para demarcar o esporte de outros tipos de práticas parece autorizar que se considere atividades sedentárias ou praticadas com o uso de animais (cavalos) e equipamentos (carros e barcos) como esporte. De fato, embora alguns pesquisadores defendam os *e-sports* como modalidades esportivas (Batista *et al.*, 2024), de acordo com Parry (2018), *e-sports* são jogos de computador, não esporte. Nestas modalidades esportivas, em que o aspecto físico-corporal não é muito importante para o resultado da competição, são categorizadas, inclusive, como esportes sedentários (Grainger *et al.*, 2025; Borge, 2021).

Tendo a premissa da competição como critério, pode-se dizer que tanto o ciclismo como o automobilismo são modalidades esportivas autênticas, mesmo a primeira exigindo mais do organismo humano em termos físico-corporal. Além disso, os equipamentos possuem componentes com desempenhos tecnológicos diferenciados. Ou seja, se o ciclista ou o piloto não demonstrar um bom desempenho quando possui a melhor tecnologia disponível, é a sua qualidade pessoal que é vista com desconfiança, mas não em termos comparativos. Isso também se aplica ao hipismo e às modalidades náuticas. O desempenho dos atletas, nestas modalidades, é consequência de suas habilidades e capacidades individuais ou devido à superioridade de seus equipamentos? Para evitar que isso ocorra no atletismo, em todas as competições, todos os atletas têm acesso aos mesmos equipamentos, exceto no caso do salto com vara.

O critério da competição, em associação ao aspecto físico-corporal, assim como a ideia de jogo, sugere que existem modalidades esportivas essencialmente físicas (atletismo, natação e alguns tipos de jogos), quase-físicas (automobilismo, corridas de cavalo, equitação, tiro ao alvo etc.) e não-físicas (xadrez, *e-sports* etc.) (Lebed, 2021). Entretanto, não existe um índice mínimo de participação físico-corporal para separar as modalidades esportivas das não-esportivas. Além disso, não se pode dizer com certeza que aspectos cognitivos-emocionais não estejam presentes em modalidades aparentemente físicas, ou que existam esportes apenas físicos ou mentais. De fato, existem muitos trabalhos científicos que mostram a importância de

aspectos psicológicos, como a atenção, concentração, motivação e ansiedade no desempenho esportivo (Chua *et al.*, 2021; Makaruk; Starzak; Porter, 2020).

De fato, segundo Barbanti (2006, p.55):

[...] O xadrez e o automobilismo ilustram que a determinação do que é atividade física complexa e o que não é, pode ser difícil. Onde a linha é colocada entre física e não-física, entre complexa e simples e entre vigorosa e não-vigorosa é puramente arbitrária. Até agora ninguém desenvolveu um conjunto de critérios testados para classificar consistentemente várias atividades como esporte e não-esporte em termos de fatores físicos.

Isso torna o aspecto físico-corporal pouco importante na classificação das modalidades esportivas. Como exemplo, os jogos olímpicos testam diversas modalidades em cada uma de suas edições. Além disso, algumas modalidades sedentárias, como o tiro com pistola e com o arco e flecha, possuem longa história nesse grandioso evento esportivo.

A importância do aspecto físico-corporal na classificação das modalidades esportivas é derivada da dicotomia mente-corpo cartesiana, em que se afirmava que o corpo e a mente são constituídos por substâncias diferentes e não-integradas (Moraes, 2024). Segundo Descartes (1596-1650), a mente não pode controlar ou regular o corpo, pois são entidades distintas. Em anos posteriores, no final do século XIX e na primeira metade do século XX, surgiu a ideia da mente como um fantasma da máquina (Ferreira, 2006). Em função disso, pode-se afirmar, que tanto o atletismo como o xadrez são modalidades esportivas, mesmo com a segunda sendo uma atividade aparentemente sedentária (Lebed, 2021; Martínez-Santos *et al.*, 2020; Kobiela, 2018; Parry, 2002).

A competição, por outro lado, é um fenômeno sociocultural que faz com que sua presença no esporte seja apenas um dentre vários exemplos a serem considerados. Ou seja, enquanto a sociedade a valorizar, jogos não-competitivos ou outros tipos de atividades motoras não-competitivas, normalmente praticadas como recreação ou lazer, não poderão ser consideradas esporte, mas que podem adquirir esse *status*, se existir interesse para tanto. Atividades não-competitivas se apresentam como um fim em si mesmas em termos hedônicos e eudaimônicos.

No caso das modalidades esportivas, uma vez assim caracterizadas, critérios diretos e indiretos de avaliação do desempenho precisam ser elaborados. Em algumas modalidades, critérios subjetivos são utilizados para avaliar seus desempenhos de forma comparativa. Isso ocorre, principalmente, quando critérios estéticos e técnicos são utilizados na avaliação, por exemplo, na ginástica artística. Uma dificuldade dos agentes legais, responsáveis pela

organização desses eventos, é a de tornar os critérios avaliadores do desempenho o mais fidedigno possível e isento de parcialidade. Portanto, no âmbito esportivo, o confronto sempre deve existir entre os atletas, mesmo que de forma indireta.

Isso também se aplica quando os elementos do meio ambiente natural e urbano das grandes cidades exercem o principal papel no teste das habilidades do atleta. Contudo, o grau de interação do atleta com a tarefa e os elementos que compõem o meio ambiente pode reduzir a fidedignidade e a qualidade do efeito comparativo entre os desempenhos individuais. Neste caso, pode-se dizer que existem modalidades em que há contato mínimo com a natureza (ginásios fechados e pistas), sendo praticadas principalmente no espaço urbano das cidades; esporte em que o contato é intermediário (remo, esqui, maratona aquática, bicicross, parede de escalada etc.) e; esportes de natureza, em que a habilidade do atleta é testada mais contra as variáveis desse ambiente, do que contra os oponentes (Krein, 2015; 2014).

A comparação das habilidades pessoais em um ambiente sujeito a manifestações imprevisíveis torna irreal o reconhecimento comparativo de desempenhos particulares. Isso faz com que os critérios de avaliação sejam baseados em quesitos em que as tomadas de decisões sejam essencialmente interpretativas (subjetivas). É importante ressaltar que a federação internacional de atletismo (IAAF) não reconhece a existência de recordes mundiais para a prova de maratona e *cross-country*, pois não há como se estabelecer normas que tornem essas práticas idênticas em locais diferentes. Inclusive, a IAAF não regulamenta de forma impositiva a organização desses eventos (Rosa *et al.*, 2025).

Atletas de elite e recreacionais

Outro problema que confunde a caracterização do esporte como uma atividade psicomotora essencialmente competitiva, são as diversas possibilidades definicionais de atleta disponíveis. A palavra atleta do português atual é derivada de *Athleta* (lutador) (Nogueira, 2016). Essa palavra, então, designa a pessoa que possui seus objetivos centrados na disputa por prêmios, como as medalhas de ouro, prata e bronze dos Jogos Olímpicos.

Em sua classificação podem ser encontradas diversas possibilidades. Por exemplo, atletas de elite e os possíveis candidatos a esse nível de excelência esportiva (atletas subelite). Uma questão, envolvendo a classificação dos atletas de elite, diz respeito ao momento em que passam para esse nível de excelência. Ou seja, a partir de qual idade e nível de desempenho um atleta já pode ser considerado de elite? (Grainger *et al.*, 2025; McAuley; Baker; Kelly, 2022; Kirkland.; O'Sullivan, 2018; Rees *et al.*, 2016). Além desses, existe a categoria dos atletas

recreacionais (Grainger *et al.*, 2025; McAuley; Baker; Kelly, 2022; Kirkland; O’Sullivan, 2018; Rees *et al.*, 2016).

De acordo com a palavra *recreatio* e *recreare*, recreação significa recreio, divertimento, passar o tempo etc. (Da Silva *et al.*, 2011, p.13). A intenção dos atletas recreacionais é, neste sentido, fazer algum tipo de atividade que seja agradável para ele/ela ou que lhe traga algum benefício particular, independentemente dos resultados da competição. Ou seja, o *test*, mais do que o *contest*, predomina no objetivo desses atletas. Nesta perspectiva, pode-se dizer que se existem atletas recreacionais, é porque existem esportes recreacionais, em que “o mais importante é participar, mas não competir” (Coubertin), em acordo com a noção clássica de *desport*. Contudo, não se sabe bem ao certo quando os atletas recreacionais se tornam competitivos ou se é possível ser os dois ao mesmo tempo.

Estudos acadêmicos envolvendo interesses esportivos têm utilizado predominantemente atletas recreacionais (78%) (Haehl *et al.*, 2022). Uma crítica a esses estudos e suas conclusões vem da *Olympiatoppen*, uma organização que faz parte do Comitê Olímpico e Paralímpico e da Confederação de Esportes Norueguês, com a responsabilidade de treinar os atletas de elite deste país. De acordo com Haugen (2020), no começo do século XXI, os principais atletas de elite e treinadores não estavam interessados nas ciências do esporte, argumentando que as instituições acadêmicas realizavam suas pesquisas baseando-se em questões com pouca relevância à essa comunidade. Além disso, a grande maioria dos estudos científicos era desenvolvida utilizando jovens e/ou atletas pouco treinados e estudantes.

No *Olympiatoppen*, os estudos conduzidos desta forma fizeram com que:

[...] Atletas de resistência fossem fortemente recomendados a focar a atenção somente em treinamentos intensos com intervalos, e que o treinamento com baixa intensidade era desperdício de tempo. Essa prática foi seguida de declínio significativo no desempenho de muitos atletas de modalidades de resistência após os jogos olímpicos de inverno de 2002, em particular, em atletas de ski *cross-country* (Haugen, 2020, p.297).

As recomendações para os treinadores quando estudos são feitos sem considerar aspectos práticos, foram as seguintes:

[...] 1. É preciso cautela quando cientistas do esporte com experiência prática limitada fornecem prescrições revolucionárias de treinamento para atletas de elite e; 2. A probabilidade de sucesso aumenta quando a implementação do treinamento é baseada na interação entre as melhores práticas e a ciência (Haugen, 2020, p.297).

De acordo com Newell (2020, p.8-9):

[...] Tarefas motoras possuem demandas ou objetivos funcionais que orientam as ações destinadas aos seus desempenhos. É no nível de análise da tarefa, que se localizam os objetivos e regras ou restrições explícitas ao padrão de movimento da ação utilizada na solução da tarefa. É ao redor do objetivo da ação a ser realizada que o sistema perceptivo-motor é organizado. No caso do lançamento de dardo, a postura corporal é secundária às demandas primárias da tarefa, que é a projeção do dardo a uma grande distância, com as regras do evento esportivo sendo a restrição da tarefa.

De acordo com essas observações de Haugen e Newell, os objetivos dos atletas de elite e recreacionais são naturalmente diferentes, fazendo com que as percepções e ações motoras desses atletas sejam substancialmente díspares quando competem nos mesmos eventos esportivos. Os atletas de elite buscam a superação contínua de seus limites pessoais e de seus adversários, enquanto os recreacionais, trabalham em uma faixa de intensidade sem considerar o desempenho de seus adversários. Ou seja, se a competição visa a avaliação de aspectos envolvendo excelência atlética pessoal, sem a presença de critérios comparativos de desempenhos, então, as ações específicas utilizadas são direcionadas por objetivos não relacionados ao esporte.

Classificação das modalidades esportivas

De acordo com alguns autores, é muito difícil definir por meio de palavras qualquer área analisando o significado dessas mesmas palavras (Polanyi; 2013; Foucault, 1992; Wittgenstein, 1958). Em função disso, foi recomendado caracterizar o objeto de interesse, buscando as redes de similaridades sobrepostas e cruzadas entre as diversas modalidades esportivas conhecidas (O'Connor; Alfrey; Penney, 2024).

Seguindo essa estratégia metodológica descritiva e funcional, modalidades esportivas em que não ocorre contato entre os atletas adversários são denominadas por fechadas (atletismo), enquanto as com contato, por abertas (futebol) (Brady, 1995). Além dessas, outras características podem ser consideradas: número de participantes (individuais e coletivas), tipo de movimento executado (cíclicos e acíclicos), simetria corporal (simétricas e assimétricas), meio ambiente onde é praticada (terrestres, aquáticas e aéreas), atividades lineares e não-lineares e objetivas e subjetivas (Brasil, 2022; Maloney, 2018;). Outros critérios diferenciadores de modalidades esportivas, com seus respectivos exemplos, encontram-se descritos na **Fig. 1** abaixo.

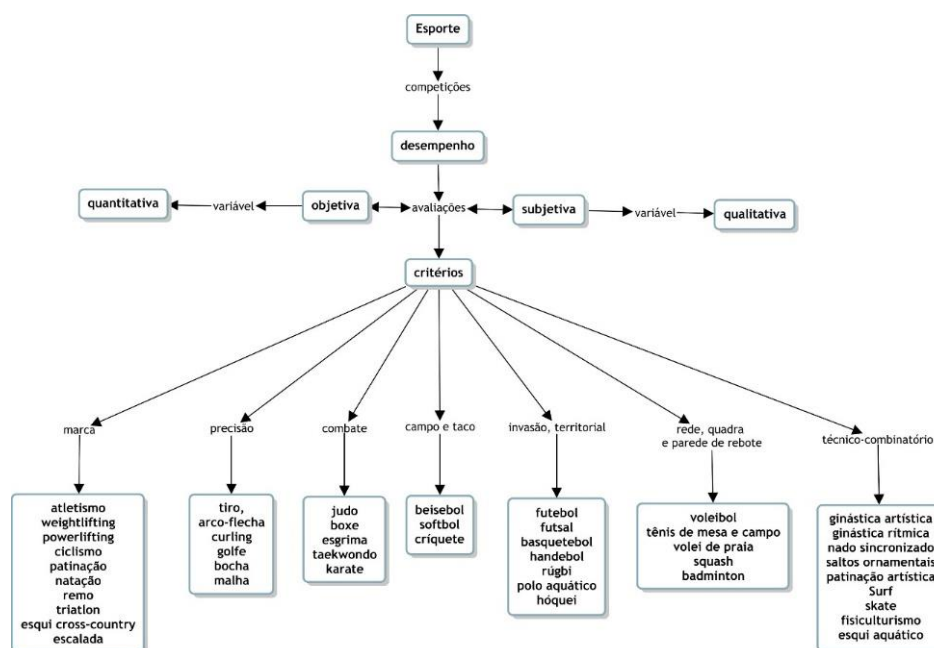


Fig. 1: Mapa conceitual com as classificações das modalidades esportivas de acordo com a base nacional comum curricular (Brasil, 2022). Além dos esportes descritos nesta figura, outros cinco tipos foram propostos: rítmicos ou estéticos, acrobáticos, de ação, de aventura e de circuitos (O'Connor; Alfrey; Penney, 2024). Algumas destas modalidades também recebem a denominação de esportes radicais.

Na **Fig. 1** não são encontradas as classificações de modalidades esportivas como terrestres ou aquáticas. Neste caso, é provavelmente porque o triatlo é constituído por atividades em que esses dois ambientes se encontram presentes. O mesmo ocorre com as modalidades individuais e coletivas. Neste caso, o problema reside no fato de algumas delas terem tanto provas individuais como em equipe (atletismo, natação e remo, por exemplo). Além disso, existem modalidades que são denominadas individuais, mas que também podem ser praticadas em uma formação cooperativa de parceiros, classificadas como esportes de dupla.

Portanto, além do local de prática e do número de indivíduos atuantes na modalidade, outros fatores devem ser considerados na classificação das modalidades esportivas. Esses fatores são: 1. Grau de conectividade entre os praticantes (presença de contato direto ou indireto); 2. Tipo de interação entre eles (linear e não-linear) e; 3. Efeito somatório (aditivo) ou constitutivo (emergente) dos desempenhos individuais (Bertalanffy, 2006).

As interações entre os atletas em um trabalho em equipe ou em duplas podem ocorrer de forma direta (interações corpo-a-corpo) ou indireta (por meio de um objeto). Por exemplo, embora os atletas da dupla do tênis sejam interdependentes, não há interação direta entre eles, que atuam apenas como defensores-rebatedores. O desempenho da dupla resulta da somatória dos esforços individuais, sem ocorrer trocas de passes durante o jogo, como ocorre, por

exemplo, no vôlei de praia. Portanto, mesmo os atletas estando próximos, não há interações diretas entre eles.

As interações diretas ocorrem, por exemplo, no basquetebol, rúgbi, polo aquático, handebol, futsal, futebol e outras formas de jogos disponíveis. Nestas modalidades, a falta faz parte do jogo. As interações indiretas ocorrem por meio de um objeto que é passado com as mãos, pés e cabeça. Além disso, o deslocamento de um objeto por meio de outro, pode induzir o contato do atleta com este outro objeto (tacos, raquetes etc.). No voleibol, as interações podem ocorrer indiretamente por meio de um objeto, tanto entre os membros da equipe ou com os adversários. Nas lutas, as interações ocorrem diretamente entre a dupla de oponentes.

No remo, não ocorrem interações diretas entre os membros da equipe ou com os adversários. Nela, todos os integrantes da equipe transferem suas energias de trabalho para o barco, realizado com o remo, em que suas adições o fazem deslizar mais rapidamente, comparativamente ao esforço individual. Da mesma forma, no revezamento do atletismo, as interações entre os atletas são do tipo indireta e linear (sequencial), com o resultado sendo consequência da somatória dos desempenhos individuais. No revezamento da natação, os atletas nunca entram em contato durante a prova.

Nos revezamentos do atletismo, o grau de conectividade entre os atletas da equipe não é muito alto, porque a dinâmica sequencial da prova, e a distância entre seus membros, impossibilitam a maior proximidade. Isso é constatado somente nos momentos da passagem do bastão entre os dois atletas diretamente envolvidos nesta ação. Por razões óbvias, o grau de conectividade entre os membros da equipe de 4x100 m é superior ao do 4x400 m. O recorde mundial masculino dos 400 m rasos do atletismo é de 43s03, enquanto o dos 4x100 m é de 36s84. Os recordes mundiais de seus equivalentes feminino são, respectivamente, de 47s60 e 40s82 (Fonte: Recordes | CONFED – acesso em 06/01/2026). Como se pode ver, o trabalho em equipe propicia um resultado melhor que o individual.

Interações não-lineares ocorrem constantemente entre os atletas de modalidades esportivas de jogo. Além disso, em algumas delas, o mesmo espaço é ocupado por todos os membros das equipes durante o confronto, seja da própria equipe ou em interação com os adversários. No jogo, o desempenho da equipe representa um valor diferente da mera somatória de desempenhos individuais. Comportamentos executados por sistemas constituídos por elementos estruturais e funcionais distintos são conhecidos como comportamentos degenerados (Seifert *et al.*, 2016).

Nesse contexto, os diversos elementos do sistema cooperam para formar uma sinergia entre eles (Glazier, 2017). Isso faz com que a ausência de um certo número de elementos do sistema não inviabilize sua funcionalidade. Esse efeito é conhecido na teoria dos sistemas por efeito constitutivo (Bertalanffy, 2006). Sinergia se refere aos efeitos combinados e cooperativos que emergem da interação entre várias forças, partículas, elementos, partes e indivíduos. A origem desta palavra vem do termo *synergos*, que significa trabalhar junto ou, literalmente, em cooperação (Corning, 2014).

Isso não ocorre nos revezamentos do atletismo. Nestas provas, o que os adversários fizerem não modificará o comportamento da equipe. Tudo depende das ações individuais dos participantes, ou das interações locais entre aqueles diretamente envolvidos na passagem do bastão. Se, por acaso, um elemento da equipe se lesionar durante a prova, não há como a equipe prosseguir na disputa. No revezamento 4x100 m, cada equipe compete em raias separadas, enquanto nos 4x400 m, mesmo todos podendo ocupar a raia de número 1 após a primeira volta, a linearidade das ações ainda é preservada.

Considerações finais

Esporte é uma área determinada socioculturalmente, em que a competição é considerada a sua essência. De fato, muitas modalidades esportivas se originaram de atividades praticadas por humanos como parte de suas interações socioculturais e com o meio ambiente natural. Por exemplo, na Frísia a grande quantidade de canais característicos dos Países Baixos possibilitou o surgimento do *Fierljeppen* e do salto com vara do atletismo. Ou seja, se houver interesse, necessidade e organização para tanto, qualquer prática sociocultural com presença de competição, independentemente da massa corporal envolvida, pode se tornar um determinado tipo de modalidade esportiva.

Assim, pode-se dizer que as atividades praticadas por seres humanos assumiram inicialmente papel de *desport*, em que possuía diversas subdivisões e objetivos, que evoluíram e se especializaram, por exemplo, no Esporte, Educação Física, Recreação e Lazer. No esporte, mas não nas outras áreas, a competição (*contest*) é essencial para que assim seja caracterizado. Os competidores esportivos são denominados atletas, cuja intenção é conquistar os prêmios em disputa. Portanto, a motivação extrínseca predomina entre os atletas. A participação visando ganhos pessoais, seja por diversão ou com a intenção de melhorar os próprios resultados, não caracteriza o agente como atleta, assim como suas ações não são verdadeiramente esportivas. Neste caso, há predomínio da motivação intrínseca.

Modalidades esportivas individuais, mesmo possuindo trabalho em equipe, mantêm as características de serem essencialmente individuais, assim como modalidades derivadas de coletivas. Propõem-se, na classificação dessas modalidades, que não se considere apenas o número de praticantes; mas, também, o tipo de interação existente entre os membros da equipe. Neste sentido, pode-se dizer que apenas ações em equipe com interações não-lineares, com simultaneidade participativa, entre os seus membros, podem ser consideradas exemplo de trabalho coletivo, como ocorre em alguns tipos de jogos disponíveis.

Referências

- BATISTA, P. A. *et al.* *E-sports: como ocorre a formação de treinadores no cenário de League of Legends*. **Motrivivência**, v. 37, n. 68, p. 1-22, 2025.
- BARBANTI, V. J. O que é Esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, v. 11, n. 11, p. 54-58, 2006.
- BERTALANFFY, L. V. **Teoria Geral dos Sistemas**. 2ª Edição Revista. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- BORGE, S. Two concepts of sporting excellence. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 51, n. 2, p. 302-315, 2024.
- BORGE, S. “What is sport?” **Sport, Ethics and Philosophy**, v. 15, n. 3, p. 308–330, 2021.
- BRADY, F. Sports skill classification, gender, and perceptual style. **Perceptual and Motor Skills**, v. 81, n. 2, p. 611-20, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta final. Brasília: MEC. Disponível em: BNCC_EI_EF_110518 versão final.pdf. Páginas 173-174, 2022. Acesso em 02/04/2025.
- CHUA, L. K. *et al.* Superiority of external attentional focus for motor performance and learning: Systematic reviews and meta-analyses. **Psychological Bulletin**, v. 147, n. 6, p. 618, 2021.
- DA SILVA, D. A. M. *et al.* **Importância da Recreação e do Lazer**. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2011.
- CAGIGAL, J. M. **Hombres y Deporte. Deporte, Pedagogía y Humanismo**. Obras Selectas (Vol I). Madrid: Comité Olímpico Español, 1996.
- CORNING, P. A. Systems theory and the role of synergy in the evolution of living systems. **Systems Research and Behavioral Science**, v. 31, n. 2, p. 181-196, 2014.
- FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

- GLAZIER, P. S. Towards a grand unified theory of sports performance. **Human Movement Science**, v. 56, p. 139-156, 2017.
- GRAINGER, A. *et al.* ‘Athletes’, ‘talents’, and ‘players’: conceptual distinctions and considerations for researchers and practitioners. **Sports Medicine**, v. 55, n. 1, p. 9-15, 2025.
- HAUGEN, T. Key success factors for merging sport science and best practice. **International Journal of Sports Physiology and Performance**, v. 15, n. 3, p. 297-297, 2020.
- HAEHL, W.; MIRIFAR, A.; BECKMANN, J. Regulate to facilitate: a scoping review of prefrontal asymmetry in sport and exercise. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 60, p. 102143, 2022.
- FERREIRA, A. A. L. Capítulo 1: O múltiplo surgimento da Psicologia. **História da Psicologia: rumos e percursos**. In: Jacó-Villela, A.M.; Ferreira, A. A. L.; Portugal, F.T. (Ed.). Rio de Janeiro: Nau Editora, 2006. (p.13-46)
- KIRKLAND, A.; O’SULLIVAN, M. There is no such thing as an international elite under-9 soccer player. **Journal of Sports Science & Medicine**, v. 17, n. 4, p. 686, 2018.
- KOBIELA, F. Towards a high definition of (Olympic) sport. (Hacia una alta definición del deporte (olímpico)). **Cultura, Ciencia y Deporte**, v. 13, p. 127-135, 2018.
- KREIN, K. Reflections on competition and nature sports. **Sport, Ethics and Philosophy**, v. 9, n. 3, p. 271-286, 2015.
- KREIN, K. Nature sports. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 41, n. 2, p. 193-208, 2014.
- LEBED, F. Physical activity is not necessary: The notion of sport as unproductive officialized competitive game. **Sport, Ethics and Philosophy**, v. 16, n. 1, p. 111-129, 2022.
- MALONEY, S. J. The relationship between asymmetry and athletic performance: a critical review. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 33, n. 09, p. 2579-93, 2018.
- MAKARUK, H.; STARZAK, M.; PORTER, J. M. Influence of attentional manipulation on jumping performance: A systematic review and meta-analysis. **Journal of Human Kinetics**, v. 75, n. 1, p. 65-75, 2020.
- MARTÍNEZ-SANTOS, R. *et al.* Sports teaching, traditional games, and understanding in physical education: A tale of two stories. **Frontiers in Psychology**, v. 11, p. 581721, 2020. doi:10.3389/fpsyg.2020.581721.
- MCAULEY, A. B. T.; BAKER, J.; KELLY, A. L. Defining “elite” status in sport: from chaos to clarity. **German Journal of Exercise and Sport Research**, v. 52, n. 1, p. 193-197, 2022.

MEIRA, T. B.; BASTOS, F. C.; BÖHME, M. T. S. Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um estudo preliminar. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 02, p. 251-262, 2012.

MORAES, H. S. Aspectos históricos da relação corpo-mente na saúde física e mental: uma revisão narrativa. **Arquivos em Movimento**, v. 20, n. 1, p.311-326, 2024.

NEWELL, K. M. What are fundamental motor skills and what is fundamental about them? **Journal of Motor Learning and Development**, v. 8, n. 2, p. 280-314, 2020.

NOGUEIRA, S. Origem do nome: atletismo, badminton, basquete, boxe, canoagem e ciclismo. **Matéria do G1.com de 2016 (12/08/2016)**.

O'CONNOR, J.; ALFREY, L.; PENNEY, D. Rethinking the classification of games and sports in physical education: A response to changes in sport and participation. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 29, n. 3, p. 315-328, 2024.

PARRY, J. E-sports are not sports. **Sport, Ethics and Philosophy**, v. 13, n. 1, p. 3-18, 2019.

PARRY, J. Violence and aggression in contemporary sport. *In*: McNamee, M. J.; Parry, S. J. (orgs.). **Ethics and Sport**. New York: Routledge, 2002. p. 205-224.

POLANYI, M. **Conhecimento Pessoal**: por uma filosofia pós-crítica. Tradução: Eduardo Beira. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.

REES, T. *et al.* The Great British medalist's project: a review of current knowledge on the development of the world's best sporting talent. **Sports Medicine**, v. 46, n. 8, p. 1041-1058, 2016.

ROSA, A. M. L. *et al.* **Atletismo: regras de competição e regras técnicas**. Edição de março de 2025. Disponível no site da Confederação Brasileira de Atletismo (CONFED).

SAKS, M. Defining a Profession: The Role of Knowledge and Expertise. **Professions and Professionalism**, v. 2, n. 1, p. 1-10, 2012.

SEIFERT, L. *et al.* Neurobiological degeneracy: A key property for functional adaptations of perception and action to constraints. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**, v. 69, p. 159-165, 2016.

SKILLEN, A. Sport is for losers. *In*: McNamee, M. J.; Parry, S. J. (orgs.). **Ethics and Sport**. New York: Routledge, 2002. p. 169-181.

VANCINI, R. L. *et al.* A pedagogia do ensino das modalidades esportivas coletivas e individuais: um ensaio teórico. **Conexões**, v. 13, n. 4, p. 137-154, 2015.

WITTGENSTEIN, L. **Philosophical Investigations**. Second Edition. Oxford: Basil Blackwell, 1958. Disponível em: Ludwig.Wittgenstein.-.Philosophical. Investigations. Pdf.